O PROFESSOR ADOECIDO ENTRE O ABSENTEÍSMO E O PRESENTEÍSMO

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz
Mestre em Educação UFMG- PBH
jussarapaschoalino@yahoo.com.br

Introdução

Esse estudo procura trazer à baila a relação entre a saúde e o trabalho docente frente aos desafios postos na profissão professor na atualidade. Trata-se de um recorte da pesquisa de Mestrado em Educação, em que o tema é o mal-estar docente.

As mudanças impostas ao papel do professor pela conjuntura da sociedade contemporânea trouxeram desafios imensos nas relações do âmbito escolar. O professor frágil diante dos imperativos dos rumos da educação atual perdeu seu lugar garantido e sofre o mal-estar e até mesmo o adoecimento.

A falta de reconhecimento mútuo entre: professores e alunos, professores e professores provocam constantes embates no cotidiano do trabalho, que repercute no mal-estar e no adoecimento do docente. Insatisfeito, frustrado no seu ideal da profissão o professor se culpa por não conseguir atingir o seu propósito no trabalho.

O adoecimento que assola a profissão docente traz marcas que são similares entre diversos países e resultam no absenteísmo docente.

Os estudos do absenteísmo esquadrinham um aspecto dramático da profissão docente que adoece e se ausenta do seu trabalho provocando um mal-estar em toda a comunidade escolar. Porém, o absenteísmo não revela o quadro do adoecimento do professor, que se encontra mascarado e camuflado no presenteísmo docente.

Esse artigo terá o objetivo de retratar um breve panorama do trabalho docente na atualidade, depois num segundo momento, apresentar a discussão

entre o absenteísmo e o presenteísmo docente e em seguida, ilustrar com um depoimento de uma professora o seu sofrimento docente.

Trabalho docente na conjuntura atual

O trabalho docente vem alterando sua constituição a partir de diversas mudanças ocorridas na sociedade que interferem na sua atuação profissional. O que possibilita entender o trabalho do professor como uma identidade[1] em constante construção.

Na trama das gestões de seu trabalho o professor tem que articular seus valores e seus limites com as engrenagens dos sistemas de ensino na constituição do gênero de ser professor. O professor vive sentimentos de insatisfação diante da sua atividade docente que carrega um conflito entre a imagem idealizada do trabalho que gostaria de realizar e as dificuldades do trabalho real.

As cobranças pessoais do docente se acrescem às cobranças internas da escola, conjuntamente com as cobranças da própria sociedade, que tomando dimensões de uma gigantesca avalanche paralisam o trabalho do professor.

A reflexão das mudanças dos valores em relação ao papel do professor mostra, principalmente, a diferença de valores que afetam as famílias que anteriormente cultivavam o respeito pelo papel do professor. Hoje, ao contrário, julgam e culpam os professores por todo o fracasso educacional. A desvalorização do professor evolui na medida em que a avaliação do seu trabalho é realizada numa dimensão de imediatismo, pois:

[1] Identidade- Não existe uma identidade, mas múltiplas identidades que são constituídas nas práticas culturais e discursivas. Conforme HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

> O que choca, inicialmente, nos objetivos precedentes, é que eles evocam a ação coletiva de vários agentes (os professores) mais ou menos coordenados entre si, que atuam sobre uma grande massa de indivíduos (os alunos), durante vários anos para obter resultados incertos que nenhum agente pode realizar sozinho e que a maioria deles não verão se realizarem. (TARDIF e LESSARD, 2005, p.203)

Os autores nos apontam a realidade do docente que investe em seu trabalho e que, na maioria das vezes, não poderá ver resultados satisfatórios. Assim, a valorização ou desvalorização do trabalho docente, segundo Esteve (1999) não se baseia em uma razão clara, mas por boatos e reputação, sem um aprofundamento da real situação docente.

Outro aspecto importante relacionado à falta de apoio do contexto social se inscreve na perda de status do professor. "Certamente o salário dos professores constitui mais um forte elemento da crise de identidade que o afeta." (ESTEVE, 1999, p.34). O trabalho do professor é mal remunerado e faz com que ele, para compensar, estabeleça jornadas ampliadas.

Nesse sentido, os autores Tardif e Lessard (2005) nos falam que a docência é identificada como uma profissão secundária pois o trabalho a ser realizado é preparar para o mercado de trabalho os filhos dos trabalhadores.

Assim, o trabalho docente não é valorizado nem pelo status social, nem pelo aspecto financeiro. Dessa forma, os conflitos que impõe na dinâmica de ser professor se instauram e dissemina o mal-estar docente.

Outra perspectiva de crise na profissão é desencadeada pela falta de apoio social, em que segundo Esteve (1999), ocorre quando o professor não tem um clima favorável na instituição em que trabalha ou com os administradores, ou ainda quando recebe críticas aos processos educativos que adota.

Esses conflitos afetam diretamente a identidade do professor que não tem como dominar essas questões entrando numa crise de identidade. Dessa forma, passa a questionar o seu trabalho e a si mesmo.

Múltiplos são indicativos do mal-estar docente num campo secundário de ensino, que interferem na crise de identidade do professor. Nesse sentido, os autores Esteve (1999) e Martínez, Valles e Kohen (1997) colocam que entre os objetivos do sistema de ensino, o avanço do conhecimento e a realidade concreta da educação se interpõem os dilemas da profissão docente que não conseguem os resultados esperados e se frustram e se desenvolvem um sentimento de culpa.

A violência escolar, os fracassos das avaliações sistêmicas, as cobranças de uma ação docente, que supere a frágil estrutura da escola, enquanto propulsora do conhecimento, deixa o papel do professor vulnerável.

O professor enredado nesse sofrimento e não conseguindo vislumbrar saídas nessa situação, em que seu trabalho perde o sentido somatiza essas decepções e adoece. O adoecimento físico e psíquico do professor, muitas vezes, ainda é permeado pela violência presente nas escolas, que sucumbe os sonhos de uma educação efetiva e dá vazão a um círculo vicioso de mal-estar do coletivo escolar.

O destaque para a violência que cresce nas escolas é que quando um professor é agredido fisicamente acontece um efeito multiplicador dessa violência no plano psicológico dos colegas e até de outros que não estão na mesma instituição. Estabelecem-se, assim, impactos negativos sobre vários outros professores, num processo de aumento contínuo do mal-estar docente, levando-os ao esgotamento.

O documento da OIT (1981) registra que os estudos realizados em países desenvolvidos mostram que os educadores "correm o risco de esgotamento físico ou mental sob o efeito de dificuldades materiais e psicológicas associadas ao trabalho." (ESTEVE, 1999, p.58).

Transladando essa situação para o Brasil, em que as condições de trabalho frente às dificuldades materiais e a pressão psicológica são muito

maiores devido à desvalorização salarial dos professores é necessário entender o significado desse sofrimento de mal-estar e adoecimento da profissão docente.

A profissão docente: a relação entre o absenteísmo e o presenteísmo

O adoecimento do professor é foco de vários estudos[2] que buscam entendê-lo e associá-lo às licenças médicas. Parra (2005) elabora um quadro que relaciona o adoecimento do professor através de pesquisas ocorridas em vários países, registrando em indicadores as diversas dimensões dos desgastes da saúde docente.

Em um primeiro plano ele aponta para o desgaste da saúde mental e indica algumas pesquisas. Assim, apresenta um estudo da OIT (1992) que expõe um índice de 23% de licenças médicas no Estados Unidos em 1978 em decorrência de estresse.

Na Argentina um estudo realizado pelo CTERA[3] em 1994 analisou uma enquete nacional em que foram registrados 25% dos docentes com estresse e 13% com neurose e depressão, valores encontrados pelos pesquisadores Martinínez, Valles e Kohen (1997).

No Quebec, Messing et al. (1999) evidenciou que no período de 1989 a 1993, dos medicamentos entregues aos docentes pela segurança social 30% estavam relacionados a problemas de saúde mental. Já o estudo feito no Chile em 2003[4], com uma amostra significativa de professores registrou que 29,1% apresentavam depressão profunda e que 23,1% sofriam de transtornos de ansiedade.

[2] Esteve (1999), Codo (1999), Nóvoa (1999), Martínez, Valles e Kohen (1997), Ferreira (2003), Gomes (2002), Alevato (2004), Araújo (2004), Neto Silvany et. al. (2000), Porto et al. (2006), Brito (2004), Gasparini, et al., (2005), Gonçalves (2003) e Domingues (1997).
[3] CTERA- Confederacion Trabajadores de la Educacion de la Republica Argentina.
[4] Realizada pelo Colégio de Professores do Chile, s.f..

Em segundo plano, Parra (2005) apresenta o desgaste da função vocal e diz que no Chile o estudo feito[5]com professores mostra a taxa de probabilidade de 4,4 para afecções vocais, comparadas com um grupo de controle.

Outro estudo realizado por Kosztyla-Hojna et al (2004) aponta que nos países ocidentais cerca de 40% dos docentes manifestam problemas de voz. O estudo de Martinez et al. (1997) na Argentina aponta que 33,7% dos docentes tiveram disfonias.

Na Espanha Ruiz et al. (2001) analisaram os ruídos em sala de aula certificando que os mesmos dificultam a comunicação e põe em risco a voz para o professor.

Em terceiro plano, Parra (2005) sintetiza alguns estudos sobre os desgastes do aparelho músculo-esquelético para a profissão docente. Assim, apresenta a pesquisa na Argentina de Martinez et al. (1997) em que 15,9% dos docentes relataram que já sofreram de lumbago. Os estudos de Sevilla e Villanueva (2000) na Espanha afirmam que 15,9% dos docentes tiveram faltas de serviço decorrentes de afecções músculo-esqueléticas.

A pesquisa realizada por Messing et al. (1997) com os professores no Quebec expõem que apesar de baixo o índice de problemas músculo-esqueléticos foi maior do que em outros trabalhadores de faixa etária semelhante.

Em quarto plano, Parra (2005) apresenta os desgastes dos órgãos de sentido em três estudos: Martinez et al. (1997), na Argentina, constataram que 26,5% dos docentes sofriam de miopia..

No Quebec os estudos de Messing et al. (1997) numa perspectiva ergonômica do trabalho concluíram que de 107 minutos e 16 segundos, o professor permanece maior tempo utilizando a sua concentração visual e que apenas 6,3 segundos, desse tempo, efetivamente pode ser de distração do olhar.

[5] Realizada pelo Colégio de Professores do Chile, s.f..

Também os estudos chilenos realizados pelo Colégio de Professores do Chile (s.f) entre um grupo de professores e um grupo de controle apontam uma probabilidade de 2,4 para os problemas visuais dos docentes.

Parra (2005) ainda pontua outros indicadores de desgaste nos estudos do Colégio de Professores do Chile (s.f) e de Martinez et al. (1997), sobre a alta porcentagem de problemas de varizes dos docentes e nas pesquisas de Martinez et al. (1997), e Sevilla e Villanueva (2000) sobre a exposição de professores às enfermidades infecciosas.

Nessa perspectiva do adoecimento docente Neto Silvany e outros colegas (2000) realizaram uma pesquisa, em Salvador, em que as queixas mais freqüentes foram: dor de garganta, dor nas pernas, dor nas costas, rouquidão e cansaço mental. Também Porto et al. (2006), num trabalho em que fez a associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho dos professores, constataram que "a prevalência de distúrbios psíquicos foi elevada entre professores. Há evidências de que a prevalência estava associada com as exigências do trabalho." (PORTO, et al. 2006, p. 825).

A afirmação da prevalência de sofrimento psíquico na categoria docente também nos leva a pensar que é

> [...] muito difícil reconstruir os nexos entre o individual e o social, particularmente quando se fala de sofrimento psíquico, que por definição se esconde do portador e do outro", pois,"o modo como o trabalho se organiza em nossa sociedade, por definição esconde suas determinações fundamentais. (CODO & JACQUES, 2002, p. 25).

O entrelaçamento do individual e do social "complexifica" a análise dessa realidade. Assim, no contexto da escola atual vários são os aspectos que desencadeiam mal-estar e sofrimento psíquico.

A constatação de um adoecimento dos professores principalmente na dimensão psíquica é confirmada em outras pesquisas como uma realizada em Belo Horizonte em que se certificou da elevada prevalência de transtornos mentais entre os professores e também apontou que:

> A análise dos dados mostra que a GSPM realizou 16556 atendimentos de servidores da educação no período de maio de 2001 a abril de 2002. Infere-se, a partir disso, que as razões de procura da perícia médica não são banais, uma vez que, no universo citado, 92% (15243) dos atendimentos provocaram afastamento do trabalho. Os afastamentos no grupo geral de servidores são concentrados na categoria dos professores, totalizando 84% dos professores afastados. (GASPARINI et al. 2005, p.192)

As autoras apresentam esta pesquisa realizada com os profissionais da educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, no período de abril de 2001 a maio de 2003. Os resultados revelam um quadro de atendimentos no GSPM (Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica), onde se evidencia como o adoecimento está presente nessa categoria profissional, comparada com os demais servidores da educação. O percentual de 84% de professores afastados por motivo de doenças é bastante significativo neste sentido.

No entanto, reconhece-se que os dados colhidos sobre os afastamentos dos professores não expressam isoladamente um quadro de adoecimento da categoria docente, mas que é necessário relacioná-lo com outros fatores, tais como a identidade desse profissional e a sua posição enquanto funcionário público dentre outros elementos.

O adoecimento docente identificado por este grupo de pesquisa não deixa dúvidas sobre a atual realidade destes profissionais, no que diz respeito aos seus sofrimentos.

Mais importante, o sofrimento que acomete o professor também influi nos significados que ele constrói sobre o que é ser professor.

No Rio de Janeiro a pesquisa de Gomes (2002) sobre o trabalho do professor e a saúde também evidenciou o desgaste do docente ao empreender seu trabalho. Os resultados de seu estudo certificaram a presença do mal-estar docente que se apresentava de forma forte e genérica. E assim, vários são os sintomas, que podem ser incluídos nesse termo do mal-estar docente: os queixumes de tensão, ansiedade, nervosismo, angústia, depressão, esgotamento, irritabilidade e estresse foram manifestações encontradas nesse estudo. A autora acrescenta que outros sintomas invadem o universo do trabalho docente como: "[...] frustração, falta de ar, pressão baixa, tonturas,labirintite, perturbações do sono, perturbações de caráter digestivo, problemas nas cordas vocais, problemas respiratórios, alergia, formas de alimentação inadequadas.." (GOMES, 2002, p.106-107).

Esses sintomas são também especificados nas pesquisas de Esteve (1999) e Martínez, Valles e Kohen (1997) e Codo (1999) revelando que a complexidade do trabalho docente provoca alterações significativas no professor.

As diversas manifestações de alterações no organismo levam a Gomes (2002) a considerar que não há como delimitar um padrão único de uma "doença do professor". Assim, dentro de um mesmo contexto, da mesma escola, as respostas dos professores diante das "infidelidades do meio", de acordo com Canguilhem (2001), são múltiplas.

Gomes (2002) afirma que nesse grupo de estudo com os professores no Rio de Janeiro, os sintomas relatados são considerados padrões de normatividade. A aceitação desses sintomas pelos profissionais como padrão de normatividade é um aspecto preocupante pois, ao banalizar o sofrimento ele toma uma dimensão mais profunda e mais difícil de ser eliminado.

Dessa forma, é comum ver os professores se automedicando nas escolas como houvesse identidade entre ser professor e ser doente.

Outra aceitação, que está incorporada ao discurso comum é que, para os docentes, dependendo do calendário escolar, esses sintomas de mal-estar tendem a se intensificar.

Em outra pesquisa realizada no Rio de Janeiro, também sobre o mal-estar e o adoecimento docente a autora, Alevato (2004), denominou os sintomas de Síndrome Loco-Neurótica. Essa síndrome (SLN) manifesta-se em ambientes de trabalho em que as tensões são intensas e em que também se evidencia a perda de status social. As pessoas envolvidas nesses ambientes passam a ter atitudes tipicamente neuróticas diante dos problemas. Em sua pesquisa a autora certificou que os mais atingidos por essa síndrome são os professores.

Esteve (1999) afirma que pelas pesquisas realizadas encontra-se um grupo nada desprezível de professores afetados em sua saúde física e mental. Corroborando esse pensamento Ferreira (2003) apresenta dois quadros com acrósticos da palavra professor, um referindo-se ao iniciante e outro ao professor em término da carreira. O primeiro quadro referente ao início da atuação docente o professor tem em evidencia as características de ser perseverante, realizado, observador, feliz, esperançoso, sereno, sorridente, organizado e também resignado.

Já o segundo quadro retrata um profissional pirado, retalhado, ofendido, ferrado, esquecido, sofredor, sacaneado, obcecado e resmungão. Essas expressões fortes servem para ilustrar o mal-estar que passa a ser vivenciado pelo professor diante das tensões, conflitos e decepções da profissão docente.

O mal-estar que invade o trabalho docente manifesta-se em somatizações psíquicas. Apesar de não se ter um parâmetro único capaz de estabelecer, na medida correta, quando tem início esse processo de

somatização, há um padrão que se repete nas pesquisas[6] quando são apontados os efeitos do trabalho docente sobre o corpo desse profissional.

Nesse sentido, na pesquisa realizada por Duarte e Augusto (2006) em uma escola estadual em dos municípios de Minas Gerais verificou-se que os sintomas que impactam o corpo do professor não são apenas de ordem individual mas possuem uma dimensão coletiva.

A técnica utilizada pelas pesquisadoras foi de entregar a cada professor uma folha de transparência que continha a silhueta de um corpo. Nesse desenho os professores individualmente coloriram as partes do corpo "[...] em que sentia o efeito do trabalho" (DUARTE e AUGUSTO, 2006, p.9). Após a execução desse trabalho individual de cada professor as folhas das transparências foram superpostas permitindo visualizar os efeitos do trabalho docente sobre o corpo desses profissionais.

As aproximações das partes dos corpos coloridos traduziram os sintomas coletivos expressos em "tensão nervosa, problemas de voz, dores nas pernas, na garganta, nas mãos, no abdômen, nos ombros, na nuca e no coração". (DUARTE e AUGUSTO, 2006, p.10).

Dessa forma, as conclusões desse trabalho evidenciam que as marcas da profissão estão inscritas no corpo coletivo dos professores e que são expressas pelas seguintes preocupações:

> [...] o aprendizado e a freqüência dos alunos; a desorganização da escola; as constantes mudanças nas normas; a sobrecarga de trabalho; a diversidade de idéias e pensamentos; o trabalho com a diferença; a falta de recursos; o bem-estar coletivo; os problemas sociais dos

---

[6] Pesquisas recentes que relacionam trabalho docente e adoecimento são apresentadas por Esteve (1999), Martínez, Valles e Kohen (1997), Codo (1999), Alevato (1999), Gomes (2002), Brito (2004), Gasparini, et al., (2005) e Duarte e Augusto (2006).

> alunos e a responsabilidade, a autocobrança e os limites da ação docente. (DUARTE e AUGUSTO, 2006, p.10).

A preocupação com os alunos que aparece como primeiro fator de desgaste no corpo está em sintonia com o pensamento de Riopel (2006), que alerta para o termo preocupação que significa "[...] estar em estado de alerta mental" (op. cit.,171). Assim, o trabalho docente mobiliza intensamente o corpo do professor mas também a sua mente para a tarefa que ele tem como desafio empreender.

As marcas do desgaste e do adoecimento causados pela complexidade do trabalho docente configuram um panorama coletivo inscrito no profissional que se forma e se forja na sua atividade de professor. Um dos aspectos que tem marcado a profissão docente é o absenteísmo.

O absenteísmo docente tem representado um dos grandes problemas das escolas. Esteve (2005) chega a afirmar que conhece professores que, vivenciando o mal-estar são capazes de mendigar uma licença médica e, assim, afastar-se de suas atividades docentes. O absenteísmo docente acontece em proporções que influenciam às dinâmicas da escola, sendo apontado como um desarticulador das relações educativas.

Entretanto, na área profissional, uma outra postura tem tomado a cena levando a questionamentos e a reflexões: o presenteísmo. O presenteísmo é um termo utilizado: "[...] to designate the phenmenon of despite complainsts and ill health that should prompt rest and absence from work, still turning up at their jobs"[7]. (DEW, KEFFE & SMALL, 2005, p. 2273 apud ARONSSON, GUSTAFSSON, & DALLNER, 2000, p. 503). Assim, o presenteísmo significa estar sempre presente ao trabalho, porém doente. Esses profissionais que estão apresentando o presenteísmo em suas condutas colocam o trabalho em primeiro lugar, esquecendo-se, inclusive, de sua saúde.

[7] Para designar o fenômeno, em que apesar de reclamações de doenças, que deveriam indicar o afastamento do trabalho as pessoas continuam nos seus trabalhos. (Tradução da autora.)

Ao buscarmos esse termo descobrimos que foi cunhado por "Cooper, psicólogo especialista en administración organizacional de la Universidad de Manchester em Reino Unido." (FLORES-SANDI, 2006, p.2).

A primeira conseqüência do presenteísmo está vinculada à perda da produtividade frente ao esforço do profissional de manter-se doente no trabalho.

Esse padrão de comportamento se mostrou mais acentuado a partir dos anos 90, em que as altas taxas de desemprego levavam a um sentimento de insegurança. Os profissionais com presenteísmo apresentam sintomas como asma, dores de cabeça, dores nas costas, irritação, alergias, hipertensão arterial, desordens gastrintestinais, artrites e depressão, porém escamoteiam esses sintomas e permanecem no trabalho.

O foco desses estudos é a produtividade, em que as perdas de lucro são atribuídas ao profissional doente que insiste em manter-se no emprego a fim de garanti-lo. Entretanto, na educação pública vivenciamos o presenteísmo nos moldes que são introjetados na formação do professor.

> Al elevado nível de autoexigencia próprio del magistério hay que agregar el que impone el presentismo, tal como lo demuestra el significativo porcentaje de docentes que concurren enfermos a trabajar (79,5%). Los mecanismos generados por la responsabilidad y la vocación se demuestran em el hecho de que 67% concurre a trabajar enfermo por causas que no son solamente monetárias, tales como responsabilidad social y solidaridad com los companeros. (MARTÍNEZ, VALLES e KOHEN, 1997, p.82).

Assim, os professores com o presenteísmo extrapolam a dimensão econômica do fato, pois não perderiam o emprego público por estarem doentes, mas mantém suas atividades docentes com o intuito de sentirem-se úteis, de cumprirem sua missão de educar. Isso ocorre porque, como já foi dito, no imaginário do professor ele carrega o estigma de ser o profissional da

doação e que deixa sucumbir para se solidarizar com os outros, exercendo o cuidado com o crescimento de seus alunos.

Flores-Sandi (2006) afirma que é difícil apontar apenas uma causa para o presenteísmo, pois o trabalhador está imerso em suas relações biopsicosociais, em que cada pessoa poderá ser afetada diferentemente. Contudo, no presenteísmo há uma prevalência de situações laborais em que há uma grande e um baixo nível de autonomia.

A complexidade do trabalho docente está inserida nas dinâmicas em que a pressão no trabalho é constante e convive com a incerteza sobre se o seu desempenho profissional irá alterar a aprendizagem de seu aluno. Dessa forma, o professor se vê muitas vezes enredado em cobranças e se culpando por não conseguir os resultados que almejaria alcançar.

Assim, se as escolas sofrem com o absenteísmo dos seus professores e se são necessários estudos sobre esse processo, há que se lançar um olhar cuidadoso e constatar o número de profissionais docentes afetados pelo presenteísmo.

A reflexão sobre essa questão, do presenteísmo docente, desvela essa ingênua análise sobre o adoecimento do professor focada apenas no absenteísmo docente, O presenteísmo demonstra que o sofrimento e adoecimento do professor estão além dos registros de licenças médicas.

Os professores com o presenteísmo extrapolam a dimensão econômica do fato, pois não perderiam o emprego público por estarem doentes, mas mantém suas atividades docentes com o intuito de sentirem-se úteis, de cumprirem sua missão de educar. Isso ocorre porque, a formação do docente está impregnada de valores que sustentam o imaginário do professor, ele carrega o estigma de ser o profissional da doação e da dedicação para se solidarizar com os outros, exercendo o cuidado com o crescimento de seus alunos.

Um caso real de presenteísmo docente

Formada em Geografia, a professora Solange[8] têm dez anos de PBH, todos numa única escola. Foi ela que me procurou e disse: "eu sou o seu tema de pesquisa", referente ao mal-estar da profissão docente.

Solange, militante por uma nova escola, viu na Escola Plural a idealização de uma educação transformadora. Trabalhou efetivamente para sua concretude. Sendo professora no turno da manhã e coordenadora no turno da noite, traz no seu relato a decepção das engrenagens coletivas e de seu adoecimento psíquico.

Hoje, está com Laudo Médico[9], com indicação de afastamento da regência. A principio, estava como ajudante da Coordenação pedagógica do turno da manhã, serviço que ela disse conhecer bem e que é bastante pesado, pois os problemas são muitos e, na maioria das vezes, sem a solução satisfatória. Teve vários períodos de licença durante a pesquisa e depois foi transferida para a secretaria da escola.

O relato da professora Solange, que iniciou com a sua trajetória de ingresso na Escola Plural, expressou de forma enfática o orgulho de ter uma administração que tinha à frente o Partido dos Trabalhadores e como se envolveu e lutou por uma escola de qualidade.

Seus trabalhos de destaque permitiram que chegasse a ser coordenadora: "[...] entrei, comecei a fazer bons trabalhos, eu sempre tive muito pique, muita disposição, gostava de ser professora, achava bacana, sempre gostei, já tinha muitos anos no magistério e tinha esse relacionamento bom com aluno, muito legal estar trabalhando coisa diferente." (SOLANGE, 2006).

A professora, entusiasmada com seu trabalho fez novo concurso e ficou, assim, com dois cargos na mesma escola: como professora em um cargo e como coordenadora no outro.

---

[8] Nome fictício para preservar a identidade

[9] Laudo médico – Afastamento regência de classe por motivo de doença que impossibilite assumir uma turma.

> [...] fui coordenadora durante quatro anos, duas gestões. Fiz um bom trabalho, reconheço que fiz um bom trabalho, foi à noite, que não é fácil. Não é fácil... Era muito complicado... A gente tinha consciência. Eu e a outra coordenadora éramos as últimas a sair do colégio. Todo santo dia... Saíamos às vezes o colégio já estava escuro, já tinha apagado as luzes... A gente saia com toda disposição... Só que isso foi desgastando demais da conta. Foi um desgaste e tanto!...(SOLANGE, 2006).

Neste trabalho exigente e intensificado, a professora Solange vai se doando cada vez mais e, no entanto, quanto mais se dedicava menos retorno vislumbrava de seu trabalho.

E assim ela afirma que: "[...] tinha muito pouco retorno dos alunos, porque realmente eles não têm interesse, não precisa mostrar interesse, a escola não tem como exigir esse interesse deles... A própria escola também não oferece muito retorno, nem muito reconhecimento no seu trabalho... e isso foi um desgaste muito grande" (SOLANGE, 2006).

Para a entusiasmada Solange, ver seu esforço se esvair fez com que não quisesse mais se eleger como coordenadora pois sentia-se cansada e apresentava muita insônia. Acreditava que deveria dar apenas um tempo e que todo aquele gás inicial seria renovado.

Contudo, já no início de 2005, começa a perceber algo diferente, um processo de descamação nos pés e nas mãos, muita insônia e fases de esquecimento. Para Solange o trabalho era muito e não achava um momento para dar atenção aos meus problemas.

Ela relata "conviver com a Escola Plural foi só decepção, com a Prefeitura, com a própria escola, com a unidade escolar aqui, foi uma coisa muito decepcionante... Eu acho que tudo isso foi desencadeando esse processo... Assim... de frustração mesmo!" (SOLANGE, 2006).

Apesar das dificuldades Solange continuava presente no seu trabalho.

Até que teve que ir a Junta Médica da Prefeitura para trocar a licença de dois dias[10] pelo acompanhamento ao marido devido a uma cirurgia. Ao passar pela médica de plantão teve uma surpresa quando disse que: "[...] eu estou vendo que você não está bem e falou para eu procurar a psiquiatra da Junta, para uma licença, que ela estava percebendo claramente que eu não estava bem. Eu estava... Realmente... Difícil... Na verdade eu não sei nem explicar direito... É tão complicado..." (SOLANGE, 2006).

A professora Solange ficou de licença nos meses de maio e junho. Em julho conversou com o seu médico e tentou retornar, porém não conseguiu. Não queria ver as pessoas e disse que perdeu o pique que tinha com o trabalho. Acabou ficando o resto do ano de licença médica.

Solange retornou da licença no início de 2006 tendo um laudo afastando-a da regência de sala. Disse procurar ajudar em tudo que pode, mas se sentia deslocada. Ela mantém os medicamentos antidepressivos e tem acompanhamento psicológico.

Ela nos afirmou que ainda não está bem e que não sente a motivação que tinha pela educação e se pudesse não gostaria mais de voltar para a escola, pois considera um ambiente muito difícil e que percebe a maioria de seus colegas caminhando para o processo que desencadeou nela essa doença devido ao ambiente de muita frustração.

O caso da professora Solange é um exemplo de presenteísmo, não reconhecendo a si mesma como um corpo com seus limites e se excedendo ao máximo em seu trabalho, o que marcou de forma definitiva sua vida profissional.

Segundo Clot (2006), os agentes públicos que "não se acham apenas em dificuldades em termos de respostas. Eles esperam também que suas perguntas e sua contribuição sejam entendidas e reconhecidas" (op. cit, p. 17). Clot utiliza o termo amputação do poder de agir[11], para designar uma

[10] Processo usual quando se tem licença médica de dois dias ou mais. Ir á Junta Médica para que o médico do trabalho confirme a licença.

[11] Utilizou pela primeira vez em 1997 em seu seu livro*: Le travail activité dirigée. Contribution à une psychologie de l' action. Habilitation à diriger des Recherches*. Université Paris VIII. 1997, p.80.

atividade reprimida ou contrariada "[...] que proíbe os sujeitos de dispor de suas ações, que não os deixa transformar seu vivido em recurso de vivência de uma nova experiência" (CLOT, 2006, p. 10).

Solange vê amputada não só sua possibilidade de lecionar mas do seu desejo para com a profissão: "a impotência sentida, as fadigas crônicas, as descompensações psíquicas e o ressentimento sucedem então à perda de toda a ilusão e à oscilação dos ideais institucionais outrora vigentes." (CLOT, 2006, p. 17).

O presenteísmo docente da professora Solange marcou definitivamente sua vida profissional. Ela não conseguiu reconhecer os reclames do seu corpo e procurar ajuda antes de instalar a doença com mais gravidade.

Reflexões finais

O trabalho docente na conjuntura atual traz a indissociabilidade entre o mal-estar e os sentimentos construídos a partir de uma nova realidade educacional. Dessa forma não podemos falar em um mal-estar docente, mas de múltiplos mal-estares que associado às perdas sucessivas na profissão alteram o ser professor.

As relações entre os professores e alunos perderam a confluência que se estabelecia até então. O complexo constituído pelo desinteresse pelo estudo dos alunos, pela falta de apoio das famílias e a ausência de um respaldo da escola fazem com que os professores se sintam desmotivados para realizar o seu trabalho, pois rompe o reconhecimento mútuo e as relações com diversos alunos ficam cortadas.

Na relação da profissão docente, outros aspectos a serem considerados dizem respeito às agressões que recorrentemente os professores vivenciam em sua profissão. A agressividade varia da a agressão verbal à agressão física aos professores.

O medo de agir com esse aluno que ameaça, que agride, retrai a ação docente de vários professores que se sentem amedrontados e muitas vezes paralisados diante das agressões dos alunos.

A realidade do ensino trouxe mudanças importantes e os alunos que chegam à escola já não são os mesmos de antigamente. Eles não estão preparados para receberem o conhecimento dessa forma, a grande maioria não entendem o que os professores estão dizendo e alguns apresentam dificuldades inclusive na alfabetização.

Os professores, nesse quadro sentem impotentes, pois, o que estudaram durante a sua formação não contemplava mais as demandas dos alunos que chegavam à escola.

Os sentimentos de desilusão, de medo, de vergonha de não serem reconhecidos no papel que representam calam os professores sobre suas dificuldades.

O absenteísmo docente é uma realidade comprovada e cada vez mais criticada pela sociedade através da mídia que culpaliza o professor. Contudo, os altos índices de licenças médicas apontam para uma organização patogênica, que necessita ser superada.

O absenteísmo predomina um problema para a profissão docente na realidade atual, porém, o presenteísmo também precisa ser estudado.

A minha pesquisa evidenciou vários professores trabalhando doentes, medicando-se nos intervalos das aulas, queixando diversas doenças, mas presentes no seu trabalho, tentando, ainda, ser um diferencial para os jovens com que trabalhavam e tentando dar uma resposta a sua cobrança pessoal.

Assim, na tentativa de minimizar o sentimento de culpa e de inutilidade procuravam estar presente na esperança de que naquele dia a relação com os alunos poderia ser melhor e contribuir para o crescimento dos mesmos - conseqüentemente por um mundo melhor.

Na esperança de que poderia ser diferente sua ação pedagógica o professor se esforça ao limite e não dá ouvidos aos reclames de seu corpo que vai gritando com dor de cabeça e de estômago, com as doenças psicossomáticas relatadas pelos próprios. E até mesmo com doenças mais sérias como as manifestadas em Solange.

As culpas corroem o ser humano por dentro e com os professores não foi diferente. Esse profissional que depositou seus ideais mais nobres na educação vê seu castelo de areia ir ao chão e se encontra adoecido entre o absenteísmo e presenteísmo.

Referências:

ALEVATO, H. Diferentes Estressores, Diferentes estratégias de controle. In: ISMA-BR International Stress Management Association. Congresso-Trabalho/Poster-2004 http://www.ismabrasil.com.br/tpls/163.asp?idCadastro=161&idPg=537&mAb=n, Acesso em 21 de fevereiro de 2007.

ARAÚJO, R. O mal-estar do professor em sua relação com a violência do aluno. *Cogito*. [online]. 2004, vol.6 [citado 2 Dezembro 2006], p.173-175. <http://scielo.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151994792004000100039&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1519-9479.

ARONSSON.G; GUSTAFSSON, K & DALLNER, M. Sick but et ay work. An empirical study of sickness presenteeism. In: Journal of Epidemiolog and Comumunity Health, 54 70, 502-509, http://jech.bmj.com/cgi/content/abstract/54/7/502, 2000. Acesso em 29 de novembro de 2006.

BRITO, J. Saúde do trabalhador reflexões a partir da abordagem ergológica. In: FIGUEIREDO, M.; A, M.; BRITO, J; ALVAREZ, D. (org.) Labirintos do Trabalho-Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. p. 91- 114Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

CLOT, Y. A função psicológica do trabalho. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2006.

CODO, W. (org.). Burnout, a Síndrome da Desistência do Educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis. Vozes. 1999.

CODO W, JACQUES MG. Introdução: uma urgência, uma busca, uma ética. In: JACQUES MG, CODO W (orgs) Saúde mental & trabalho: leituras. Petrópolis: Vozes, 2002.

DEW, K.; KEFFE, V. & SMALL, K. 'Choosing' to work when sick: workplace presenteeism. In: Social Science & Medicine 60 22732282, 2005. http://www.cababstractsplus.org/google/abstract.asp?AcNo=20053059396. Acesso em 12 de dezembro de 2006.

DOMINGUES, D.A. Impactos do Trabalho na Saúde de Docentes. Belo Horizonte: FAE/UFMG.Dissertação de Mestrado, 1997.

DUARTE, A. e AUGUSTO, M. O trabalho docente e a mudança organizacional da escola: o potencial participativo do professor. http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt04.htm .ANPEd,2006.Acesso em 20 de março de 2007.

ESTEVE, J. M. O mal estar Docente: A sala de aula e a saúde dos Professores. São Paulo. Edusc.1999.

ESTEVE, J. M.Bem-estar e saúde docente. In: Revista PRELAC-Educação para todos. Publicado pelo Escritório Regional de Educação da UNESCO para a América Latina e o Caribe. OREALC/UNESCO Santiago.Impresso no Chile por AMF Imprenta. Santiago, Chile; junho, 2005.

FERREIRA, R. O professor invisível: imaginário, trabalho docente e vocação.Rio de Janeiro: Quarter, 2003.

FLORES-SANDI, Grettchen. "Presentismo": Potencialidad en accidentes de salud**.** *Acta méd. costarric*. [online]. mar. 2006, vol.48, no.1 [citado 25 Marzo 2007], p.30-34.: <http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000160022006000100006&lng=es&nrm=iso>. ISSN 0001-6002.

GASPARINI, S., BARRETO, S. e ASSUNÇÃO, A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. In: Educação e Pesquisa, São Paulo. V. 31, n.2. p.189-199. maio/ago.2005. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2005.

GOMES, L. Trabalho multifacetado de professores/ as: a saúde entre limites. Rio de Janeiro. FIOCRUZ. Dissertação de Mestrado, 2002.

GONÇALVES, G. Uso profissional da voz em sala de aula e organização do trabalho docente.Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, 2003.

KOSZTYLA-HOJNA, B; ROGOWSKI, M; PEPINSKI, W. y LOBACZUK-SITNI, A. An analysis of occupational dysphonia diagnosed. in the North-East of Poland. In:Internacional Journal of occupacional Medicine and Environmental Health; 17 (2): 273-278, 2004. http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/15518425/abstract/[Analysis_of_voice_diseases_in_patients_treated_in_the_Podlaski_region]. Acesso em 15 de dezembro de 2006.

MARTÍNEZ, Deolidia, VALLES, Íris & KOHEN, Jorge. Salud y trabajo docente-Tramas Del malestar em la escuela. Buenos Aires: Kapelusz, 1997.

MESSING, K; SEIFERT, A.M. e ESCALONA, E. The 120-S minute: using analysis of work activity to prevent psychological distress among elementary school teachers. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/sites/entrez?cmd=Retrieve&db=PubMed&list_uids=9552279&dopt=Abstract , 1977. Acesso em 20 de dezembro de 2006.

NETO SILVANY, A. M. et al. Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. Revista Bahiana de Saúde Pública, v. 24. n. 1/2, p. 42-56, jan/dez. 2000. Salvador: Órgão oficial da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia, 2000.

NÓVOA, A. (org.). Profissão Professor. Porto: Editora Porto, 1999.

OIT. Empleo y condiciones de trabajo del personal docente. Ginebra: Oficina Internacional Del Trabajo, 1981.

OFICINA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. La situación del personal docente. In: OIT, Genebra, Suíça, 1992.

PARRA, M.Condições de trabalho e saúde no trabalho docente. In: Revista PRELAC- Educação para todos. Publicado pelo Escritório Regional de Educação da UNESCO para a América Latina e o Caribe. OREALC/UNESCO Santiago.Impresso no Chile por AMF Imprenta Santiago, Chile; junho, 2005. p.135-145.

PORTO, L. et al . Association between mental disorders and work-related psychosocial factors in teachers. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 40, n. 5, 2006. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034891020060006 00011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 Feb 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0034-89102006000600011.

RIOPEL, M. Novas regulações escolares: quais os impactos sobre as preocupações dos professores? In: Educação em Revista/ Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação- Belo Horizonte: FaE/UFMG, nº 44, dez. 2006. p. 165-184.

RUIZ, M. J;BERNIER, F.; CARRASCO, E . e GÓMES, F. Los niveles acústicos durante el horario laboral y lãs disfonías em los docentes. Pôster no XII Congresso Nacional de Segurança e Saúde no Trabalho. Valência, 20-23 de novembro de 2001.

SEVILLA, U. e VILLANUEVA, R. La salud laboral docente en la enseñanza pública. Gabinetes de Estudos e de Saúde no Trabalho, Federação de Ensino de Comissões operárias, Madri, Espanha,

http://www.fe.ccoo.es/pdf/N%C2%BA%202%20Salud%20Laboral.pdf, 2000. Acesso em 21 de dezembro de 2006.

TARDIF M. & LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.